

La Ser... de... de...

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.

Este jornal publica-se nos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 40.

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 10 DE NOVEMBRO DE 1872.

Não foi para satisfazer tolos caprichos que Gutenberg descobriu a imprensa; não foi para que os posterios vissem-na arrastada pelos que mais deviam presal-a; por aquelles a quem a natureza, ingrata para tantos, prodiga para tão poucos, dotou com um quinhão de intelligencia para apreciar-a melhor.

Reflecti, senhores da *Brisa*, reflecti e vêde que o publico, a quem pedimos que nos pague para podermos sustentar os nossos jornaes, não quer saber de caprichos de rapazes, de puerilidades que roubam-nos o espaço que devia ser occupado com mais serios assumptos.

Estamos comprometidos para com a sociedade, resta-nos cumprir o nosso dever.

Quereis ser criticos? sêde-o: quem vos impede? Analysae os nossos mais perniciosos costumes;

### FOLHETIM DO DOMINGO.

#### Consas de Anselmo.

A scena passa-se na actualidade, no interior de uma taverna. Um bico de gaz allumia escassamente um grupo de *habitués*. Os cerebros e os copos estão cheios de cerveja!

Anselmo, no meio dos rapazes—como Christo entre os doutores, discute largamente sobre a sua propria individualidade.

Sejamnos indiscretos como a lyra do poeta, como as lufadas da ventania, como um suspiro apaixonado, e ouçam-mo:

—«Em Pariz, para onde fugi das perseguições que me faziam por causa de uma dançarina andalusa que, em Lisboa, teve a fraqueza de se apaixonar por mim, cresceu o numero das minhas aventuras amorosas...

—«Este Anselmo!

—«Vou contar-vos um dos meus menos interessantes *bamboches*:—Uma noite, aborrecido de tudo:— dos espectaculos, dos bailes e das corridas, en passeiava distrahi-do no *boulevard* dos Italianos e vi uma mão alva e pequena pendida de um parapeito de janella baixa.—Uma

commentae o nosso systema de politica; descrevei as festas; fallai dos acontecimentos da semana; criticae tudo:— a policia, o governo, a municipalidade, o commercio, etc; mas deixae socgado o *Domingo*, que, como a *Brisa*, tem muito mais em que se occupar.

Chamastes-nos b..., ameaçastes-nos, tentastes em vão desmoralisar-nos: muito bem; nós vos perdoamos e recebemos a delicada offerta da vossa educação, como homens, e do vosso estylo, como litteratos.

Nem vos ameaçamos, como nos ameaçastes, nem vos chamamos b...: a nossa delicadesa não nol-o permite:—mesmo com isso não adiantaríamos ideia, e nós—confessamos—gostamos de novidades.

Terminamos, pedindo armisticio, não por covardia, mas por conveniencia; não por necessidade; porém pelo dever que nos impõe o nosso papel.

Se as nossas doutrinas não são tão *fanfarro-*

não! disse eu comigo, parando machinalmente e contemplando extasiado aquella *particula anonima* de um corpo de mulher!—Uma mão, repeti, que deve por força pertencer ao mais lindo *maneiro* de Pariz!—E levando-a machinalmente aos labios, beijei-a amorosamente.

—«Em Pariz, Anselmo, na terra da multidão ninguém toaio praticar semelhan...

—«Bem mostras que ainda não sabiste do Maranhão, meu amigo. Na grande capital, quem repara nisso? quem se importa com um beijo?...

—«Continúa.

—«A minha mão que, para que meus labios se col-lassem nas veias azues da mão da moça, havia aperta-do-lhe os dedos entre os seus, sentio-se de subito aperta-da tambem!

O meu sangue gelou-se nas veias,  
Todo inteiro—ossos—carnos—tremi!

Ergui os olhos: a pessoa conservava a mosma myste-riosa posição: nada mais via que

essa nevada mão que, por tão pouco,  
soube se apoderar de uma existencia...

nicas como as vossas, pelo menos—são mais sensatas.

Assim pois—tende juízo.

### Lágrimas.

(Scena última.)

(Vila n. 39).

Era em uma tarde de abril, o mez das flores, na pequena capital da provincia \*\*\*. sobre as sombrias da goiabeira que embelesão o chaguão da casa em que habitava Ondina. Esta lia attentamente um romance, cujo título basta citar para se ajuisar da grandeza do assumpto: era «Rafael» por Lamartine. Ondina, joven de organização frágil e impressionavel: de um aspecto meigo e seductor: de uma educação esmerada, e indole bem formada, soffria profundamente... soffria no ultimo d'alma.....

O seu mal não era uma dôr aguda e nem uma febre violenta;—antes fosse, porque o seu martyrio não seria tão prolongado, pois que, no meio d'elle, os anjos terião arrebatado para as regiões ethereas a sua alma candida, que, banhada em aguas lustraes, para deixar os vestigios do peccado original, subiria á presenca do Omnipotente, com alegria indescriptivel, a tomar nos ceus o lugar a que suas virtudes cá na terra lhe davão direito.

Lia Ondina o seu romance para vêr se, nas paginas d'elle, encontrava lútilivo nos seus desgostos, que tinham reatificado n'essa tarde, para

E eu disse:—*Age au femme, montre—moi ton visage, regarde—moi.*\*

—E' melhor, interrompeu um do grupo, que nos contes isso em portuguez.

—Anjo ou mulher, traduzio Anselmo, mostra-me o teu rosto, olha-me: vê a impressão que me causou a tua mão. ... —«*Noa*, responder-me uma voz argentina e melódica. —*Out*, redargui—«*Noa*, repitia-se-me. E a mão desapareceu. Eu, vivamente impressionado pela exquísita romantica da aventura, deixei a janella e presaguei o meu caminho. No *hotel* não pude conciliar o sono: aquella mão me apparecia por todos os lados: a minha phantasia desenhava-me um rosto angelico e seductor, que ferozement havia de ser o da moça do *boulevard*. No dia seguinte, ás mesmas horas, na *mesmissima* janella, a mesma mão causou-me as *mesmissimas* impressões. Renovon-se diariamente, durante muito tempo, aquella excentrica entrevista, sem nunca conseguir descobrir o rosto da minha clandestina *Dulcinéa*; quando afinal—um dia—, transferindo commigo mesmo as horas do meu passeio, encontrei a delirada á janella. Era linda como a *suppogha*. Informei-me a seu respeito: soube que se chamava *Finette*, e era modista. Aproximei-me timidamente, e timidamente entreguei-lhe esta

ella tão cheia de tristes recordações. De quando em vez, uma lagrima corria dos seus bonitos olhos e vinha cair sobre seu collo, como que para humedecel-o e refrigerar as magoas do seu peito apaixonado.

Lia e chorava quasi insensivelmente, quando foi sorprendida por uma pessoa intima, que lhe interrogou porque chorava, o que soffria? Ondina, impallidecendo, interrompeu a sua leitura e as suas lagrimas por um momento. Fitou timorata a pessoa que lhe fallava, abaixou incontinentemente a vista, como que para occultar o seu estado de abatimento e funda magoa, e deu livre curso as suas lagrimas, que de novo começaram a calir fio a fio. As lagrimas de uma donzella, que soffre de amor, não curão a *priori* este mal; porem é o remedio mais prompto que encontra para aliviar o seu coração opprimido, sendo que muitas vezes n'ellas se extingue, com demora é verdade, um amor mal compensado. A pessoa que fallava á bella joven comprehendeu o seu soffrimento e teve a prudencia de deixar-se modo e quêdo por algum tempo.

Ondina fechou seu romance, olhou novamente para a pessoa que lhe havia perguntado o motivo das suas lagrimas, e, fazendo esforço para reprimil-as, disse toda enternecida: Amigo, a sua boa educação lhe dá franca entrada nesta casa; e a nobreza do seu character lhe dá direito a minha amizade. V. sabe que soffro, que padeço muito. O meu coração caprichosa e vehemente-

quadra que escrevi ás pressas, na esquina, em uma das folhas da minha carteira:

Pour toi, ma chère Finette,  
Mon amour c'est bien fort:  
Tu deviens ma conquête,  
Et tu est mon seul tezor!...

—Muito bem! e ella? o que te disse ella?...

—«Ella, responder Anselmo, tomou o papel, leu, releu, reflectiu e, pedindo-me o lapis, escreveu por baixo:

Je suis pas vôtre conquête,  
Je suis pas vôtre tezor.  
Car vous avez été hôte,  
Car vous êtes bête encor!

Os que sabiam francez acolheram com uma gargalhada geral o remate da aventura do nosso Anselmo: este, tirando da algebeira uma caixa de colarinhos de papel, para substituir o que já se havia rasgado no pescoço—pelo suor, preparou-se, levantou a sessão e sabio entre os seus companheiros, que o debicavam, ao ouvir-lhe as aventuras de amor.

O Colibri.

mente ama a um cavalheiro amigo nosso. V. o conhece; sabe que o amo com todas as forças de minha alma, que não é mais minha e é toda d'elle: que dando-lhe, como dei, o meu amor, elle o aceitou e então não cessava de incensal-o; rir-se de contente e dizer-se feliz por possuil-o. Fatal occasião foi essa, meu amigo, em que meus olhos viram a esse homem, a quem tanto estimo, a quem dei todo o meu amor, sem calculo algum, porquanto não comprehendendo que o amor se mercadeje; e se lastimo hoje esse encontro não é porque tivesse dado o meu na esperança de receber em recompensa o que ordinariamente, em taes casos, a mulher espera obter dos homens — o casamento —; lastimo, V. o sabe, porque d'ahi originou-se o meu soffrimento moral, que só terá fim com a morte; e bem feliz teria eu sido se esta já se tivesse lembrado de mim.

Ah!... é cruel o padecimento de um amor mal correspondido!

(Continúa).

H. P.

### NOTÍCIAS DA PACOTILHA.

*Salamalego*, leitores: cumprimento-os em idioma africano, para confirmar o que disse o pinceletista da *Brisa*.

Como não me acho de pachorra, deixo de dar á este... *jornal* a honra de uma resposta.

A semana correu mais fria que um sorvelo. A não ser o *Crazeiro do Sul*, que levou um importante carregamento de deputados, nada ha que me proporcione materia para as minhas *noticias*.

O Sr. bispo Laranjeira passou outra vez por cá, de torna-viagem do Amazonas, para onde tinha ido em viagem de recreio...

Acceite os nossos parabens o Sr. Almeida, autor de uns versos publicados ultimamente no *Paiz* e que assim principiam:

Lá vem os bonds, rapaziada, vamos  
esperar elles a onde ha de ser — No canto da se  
então vamos depressa senão vâmos a pé,  
a pé é melhor pôr que eu não saio a — é.

Fabio Ewerton depõe aos pés do illustre poeta a corôa de louros que alcançou das multidões. Effectuou-se hontem a 3.<sup>a</sup> partida da *Sociedade Recreativa Familiar*.

Esteve como as duas primeiras, concorrida e animada.

Os *bonds*, ao que parece, tomaram juizo... Já correm affoutamento, não descarrilham e parecem querer mostrar ao publico a sua utilidade.

Já tinha concluido esta chronica, quando me

trouxeram o artigo que abaixo transcrevo, assignado por — *um mortificado* —, e para o qual peço a attenção dos leitores:

*Sr. Domingos.* — Desde que o *Publicador Maranhense* passou a ser impresso na rua da Palma, que os moradores comprehendidos entre o canto do *Vira-mundo* e a rua do *Nazareth* não têm gosado uma unica noite de um somno tranquillo. Já se começa a espalhar que um grande numero de pessoas da vizinhança trata de promover quanto antes um *meeting* a fim de chamar de um modo mais imponente a attenção da policia para os factos que se dão naquelle quarteirão, presaziando — quem sabe? — uma longa serie de attentadas sinistraes!

Gemidos, pragas, blasphemias, maldicções, estertor de agonisantes; eis o que parece ouvir-se na circumferencia descripta, todas as vezes que gira, nos gonzos, o prelo da gazeta official.

Ha, pela boca pequena, quem se abalanca a descortinar o mysterio. Diz-se que o *tota-bahut* infernal não passa da luta que travam entre si a linguagem, a grammatica e o senso-commum, todas as vezes que o prelo da typographia a que alludimos dá à luz os abortos monstruosos do noticiario do *Publicador* — gerados, segundo juizes competentes, pela imaginação sexquipedal de um burlesco Franklin.

A explicação tem alguma coisa de extraordinaria para ser logo admitida; por isso seria conveniente que a congregação do Lyceó, de accordo com as autoridades immensadas de velar pela tranquillidade urbana, syndicassem da facto e trouxessem depois a publico o resultado das suas investigações.

### EXPEDIENTE.

Publicou-se na capital do Pará o primeiro numero do *Prenuncio*, jornal litterario, critico e recreativo, que mostra caprichar na escolha de bons artigos.

O *Domingo* agradece a remessa que lhe fizeram de um exemplar do *Prenuncio*, fazendo votos para que tenha longa existencia.

O *Domingos*.

### Não foi.

Não foi essa fada, que matou-me.  
P. de Castelamare.

Não foi, mulher, de teus olhos  
Na languidez, que prendi-me,  
Nem na belleza sublime  
Do teu rosto que seduz;  
Não foi de teus rubros labios  
O sorriso carinhoso,  
Que a meu peito ambicioso  
Deu vida, crengas e luz.

Não forão as negras tranças,  
Sedozas, dos teus cabellos,  
Que tecerão os doces édos  
Que me fizerão captivo;

Apezar de tão formozas,  
 Não forão dellas, te juro,  
 Que nasceu o affecto puro,  
 Esse affecto de que vivo.

O que me faz delirante  
 Amar-te como a rolinha  
 Da tarde que se avesinha,  
 Ama a placida soidão,  
 Foi a innocencia qu'eu li  
 No teu rosto, e a grandeza  
 De tu'alma, e a pureza  
 Do teu terno coração.

Novembro, 1872.

A. Q.

**Quadro inglez.**

À D. PILOMINA SALDANIA.

Uma sala espaçosa, a um lado a jarilmeira  
 e o gaz a illuminar a estancia feliceira,

Tapete no sobrado: um piano de Erard,  
 com a musica na estante, aberta no lugar.

Onde a menina loura, ha pouco ali sentada,  
 decidrava a harmonia ardente e apaixonada.

Vasos de porcellera, estantes na parede  
 e, na porta do lado, um reposteiro verde.

Junto á mesa, á bordar, a miss transparente  
 do irmão mais novo escuta a leitura corrente.

O rapaz—treze annos, figura angelical—,  
 lê de Carlos Dickens os *Cantos do Natal*;

enquanto a mãe trabalha n'um ponto de *Crochet*,  
 e bate no tapete o compasso com o pé,

Uma velhinha surda, acciada e festiva,  
 —physionomia franceza, alegre, inoffensiva,

sentada na polltrona de espaldar legendario,  
 lê a Biblia, revendo attenta o commentario.

O *Lord* no sophá, serio, grave, methodico,  
 faz a quinta leitura de um grande periodico.

No ultimo plano, enfim, immovel, teso está  
 um creado que chega com a bandeja do chá.

Julho de 1872.

*Celso de Magalhães.*

**A valsa.**

Dança  
 Faccira,  
 Ligeira,  
 Douzella  
 Mimosa.

Como ella  
 Valsava!  
 Redava  
 Risonha,  
 Ditosa!

E, só, criança! consente  
 Por tanto tempo que o *par*  
 Maldoso sorva lhe o balito  
 No convulsivo valsar!

Incauta,  
 Se inclina...  
 Menina  
 Tão meiga,  
 Mimosa!

Como ella  
 Estava!  
 Valsava  
 Louquinha,  
 Ditosa!

Entanto o lepido loio  
 De porte airado, gentil,  
 Gosava, infame, traçozeiro,  
 A virgem louca, febril...

Mas ella  
 Não cança  
 Na dança  
 Travessa,  
 Mimosa...

Que magico  
 Encanto!  
 Pois tanto  
 Se julga  
 Ditosa!

Que santo odor dos seus labios!  
 Nas faces, mago rubor!  
 Quanta blancheza exprimeia  
 Essa innocente, Senhor!

E quando  
 Diz—basta  
 A casta  
 Douzella,  
 Mimosa,

A deixa  
 Carbo-o,  
 Vaidoso  
 O moço,  
 Ditosa!

Mas... não poupou-lhe a innocencia:  
 Não á creio ser tão pura;  
 Pois não logrou-lhe o traidor,  
 Maldoso, tanta candura?...  
 A. Britto.

Novembro de 1872.

A. Britto.